

O ambiente do realismo literário no Brasil

Júlio César Tavares Dias (UNICAP)

RESUMO: Este é um trabalho de História da Literatura onde se tenta abarcar numa só visão o Realismo-Naturalismo-Parnasianismo, estudando alguns pontos relevantes do ambiente em que foram fomentados, visto não podermos em um curto trabalho abarcar todos os aspectos da época em que surgiram. O Realismo existe como tendência e como escola, e dentre os motivos que o levaram a ser escola lembramos a influência do Positivismo na cultura de forma geral e o episódio de 1848. Também importante foi a Escola de Recife, cujos principais vultos são Tobias Barreto e Sílvio Romero. Três questões na época abalaram a sociedade: a militar, a Coimbrã e a religiosa. Se a princípio encaramos Realismo-Naturalismo-Parnasianismo juntos, é necessário depois tecer algumas considerações sobre os dois ramos que surgiram do Realismo: Naturalismo e Parnasianismo, este visto ao lado de outra tendência da época: a poesia realista.

Palavras-chave: Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, poesia realista, ambiente histórico.

ABSTRACT: *This is a project of History of Literature, where we attempt to see in a unique vision Realism – Naturalism – Parnasianism, studying some relevant points from the ambient where they were developed. Realism exists like tendency and it exists like school, too. Between motives for Realism become school, we remember Positivism's influence in the general culture and the 1848's episode. The School of Recife also was important; their principal participants were Tobias Barreto and Silvio Romero. Three questions affect the society in that époque: military question, Coimbra question and the religious question. In begin we see Realism – Naturalism – Parnasianism together, but after we need consider two rams came from Realism: Naturalism and Parnasianism, this is seen together other tendency of époque: the realist poetry.*

Keywords: *Realism, Naturalism, Parnasianism, realist poetry, historical ambient.*

O Ambiente do Realismo Literário no Brasil

Comumente se diz que o Realismo surgiu no Brasil com o lançamento em 1881 de dois romances: *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e que terminou em 1902, quando começa a “Belle Époque” com o lançamento de *Canaã*, de Graça Aranha (MOISÉS, 2001, p. 17). Consideramos que o Realismo sempre existiu como tendência geral em todas as épocas e até paralelo e entremeado ao Romantismo. Há, por exemplo, um tom realista no romance *Senhora*, de José de Alencar. Da mesma forma, sempre existiu o romantismo como tendência geral e até, por vezes, nuances suas se fizeram notar na poesia parnasiana (em Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, principalmente). Afrânio Coutinho (2004) comenta: “antes de se concretizarem numa época histórica, eles [Realismo e Naturalismo] eram categorias estéticas ou temperamentos artísticos, tendências gerais da alma humana em diversos tempos [...]. Dessa forma, há Realismo na Bíblia e em Homero [...] Do mesmo modo, o

Naturalismo existe sempre que se reage contra a espiritualização excessiva [...] Não só na prosa, senão também na poesia essa mistura se observa: muitos parnasianos mostram-se fiéis a formas românticas ou avançam pelo Simbolismo” (p. 4-5). Esse fato dificulta-lhe uma eficaz definição: “É impossível uma definição completa do Realismo, que é antes um temperamento, uma tendência, um estado de espírito, de que um tipo ou gênero literário acabado” (COUTINHO, 2004, p. 9).

Aqui compete destacar alguns pontos da ambiência da época para entender como esses pontos possibilitaram que o *realismo* (tendência) passasse a ser *Realismo* (escola literária). Usamos o termo Realismo de uma forma geral abarcando o Naturalismo e o Parnasianismo, já que são ramos (ou ramificações?) do Realismo, aprofundando suas características e florescendo-as, e se apoiando em algumas outras que lhes são peculiares: “O Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos se submeterem ao destino cego das ‘leis naturais’ que a ciência da época julgava ter codificado; ou se dirá parnasiano, na poesia, à medida que se esgotar no labor do verso tecnicamente perfeito”, assim afirma Bosi (1997, p. 187), semelhante a quem tentamos “abraçar de um só golpe a literatura realista-naturalista-parnasiana” (cf. COUTINHO, 2004, p. 11).

A influência do positivismo

O Realismo surgiu no esteio do pensamento positivista que por sua vez muito deve à Revolução de 1848. O magistério de Auguste Comte ecoava por todos os lados e em todas as ciências, inclusive se fazia ouvir na política brasileira. É nele que se fincaram nossos republicanos. O pensamento comtista influenciava grandemente nossos intelectuais, se não todos, a sua parte mais moça. A influência de Comte, porém, chegava aqui através de outros escritores. Essa é uma realidade não só sobre o positivismo, pois assim nos chegavam de forma geral as novas ideias. José Veríssimo (1963, p. 253) testemunha: “Foi nos próprios livros franceses de Littré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento alemão e também pelo inglês, que começamos desde aquele momento a instruir-nos das novas ideias”.

A verdade é que o positivismo, limitar-nos à experiência imediata, ou seja, ao fenômeno em si e não às suas causas, proporcionou uma mudança de foco responsável pelo grande avanço da ciência em geral a partir desse século. O Realismo herda do positivismo esse cunho de cientificidade na análise dos fatos sociais. Aqui citamos Bosi (1997):

Desnuda-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e busca-se para ambas causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem a muito a área de liberdade. O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido *positivista* de dissecar os móveis do seu comportamento (p. 188, grifo nosso).

Enquanto o Realismo *strictus sensus* volta seus olhos para uma parcela da sociedade que pode frequentar teatros e óperas, o Naturalismo se volta para o cortiço e para a casa de pensão. Enquanto aquele, principalmente em Machado, oferece um estudo mais apurado das personagens, o outro não oferece nem poderia oferecer tal estudo, uma vez que encara as personagens como meros títeres nas mãos da tríade de Taine: raça, meio ambiente e momento histórico. É essa atitude naturalista que recebe contundente crítica de Sodré (1995, p. 381-389).

O episódio de 1848

Tendo aqui dito sobre a relação entre a Revolução de 1848 e o Realismo, cabe agora uma nota maior sobre a questão. Assim se expressa Massaud Moisés (2001, p. 13), citando René Dumesil: “A Revolução de fevereiro de 1848 na França, é o primeiro acontecimento a registrar nesse contexto [do Realismo]: o Realismo será filho da revolução de 1848 – ou antes, os acontecimentos de 1848, revelando-o a si próprio, lhe darão consciência de ser.” (MOISÉS, 2001, p. 13)

Se o Realismo deve em muito a Revolução de 1848, essa só ocorreu devido ao fracasso da Revolução de 1830. Com a queda de Napoleão, Luís XVIII restaurou a monarquia francesa adotando postura moderada de respeito à Constituição, porém, de contrariedade para setores ultra-realistas. Com a morte em 1824 de Luís XVIII, Carlos X instituiu uma política autoritária e conservadora, chegando a passar o ensino às mãos da Igreja, fechar o Congresso e perseguir os liberais. As camadas populares e a alta burguesia, juntas, obrigaram Carlos X a abdicar e fugir para a Inglaterra em 1830 e entregaram o trono a Luís Felipe de Orleans, nobre ligado à burguesia.

O governo de Luís Felipe é marcado por grande corrupção e favorecimento aos bancários. Em 1842, desencadeia-se grave crise econômica que se agrava nos anos de 1845 e 1846. Burguesia e proletariado se unem novamente num movimento contra as tropas governamentais que depois também aderem aos revoltosos. Em 24 de fevereiro de 1848, Luís Felipe abdica e um governo provisório é estabelecido.

Esse governo era constituído por republicanos, socialistas e bonapartistas. Em 23 de abril de 1848, ocorrem as eleições; republicanos vencem socialistas e passam a perseguir seus os jornais. A população reage; é massacrada. Morrem mais de 10 mil pessoas. Promulga-se nova constituição e Luís Bonaparte é eleito presidente; aplica em dezembro de 1851 um golpe de estado tornando-se imperador no ano seguinte e assumindo o título de Napoleão III.

Os realistas franceses tinham assim uma grande crise pós-revolução para analisar e, vendo o fracasso de duas revoluções seguidas, entendemos a posição de Comte contra revoluções. No Brasil, evento de semelhante importância (talvez não com a mesma força) foi a Guerra do Paraguai, pois dela afirmou Sílvio Romero: “estava ainda a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão” (apud BOSI, 1997, p. 184).

A (real) importância de Tobias Barreto

A poesia de Tobias Barreto, ao lado da de Castro Alves (e só como esta partícipe do condoeirismo) pode ser tomada como antecessora do Realismo (cf. RAMOS, 1979, p. 165, 166). É, porém, como pensador, ou pelo menos divulgador de grandes e inovadoras correntes de pensamento da época através da chamada Escola de Recife, que se fez sentir sua influência.

Se Comte, Taine, Spencer, Darwin e Haeckel foram mestres de nossos escritores, foram antes mestres (e daqueles através destes) de Tobias Barreto, do mais fiel de seus discípulos, também sergipano, Silvio Romero, e de Capistrano de Abreu, que, por sua vez, seriam mestres de Euclides da Cunha, Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha e Medeiros de Albuquerque (BOSI, 1997, p. 184).

Para Bosi (1997), o outrora modesto professor de Latim de Lagarto tornara-se “o grande animador da época” e a ele e a seu fiel discípulo Sílvio Romero deve-se a “primeira transposição” de um novo ideário (BOSI, 1997, p. 183, 184). Olhamos com desconfiança essas declarações efusivas, e achamos que a figura e a obra de Tobias Barreto são “ainda hoje ambas mal definidas, graças principalmente aos seus indiscretos panegiristas” (VERÍSSIMO, 1963, p. 251). Achamos, também, muito conveniente ao Senhor Silvio

Romero declarar que “o brado de alarma partiu da Escola de Recife,” pouco antes de se colocar entre “os combatentes do grande decênio” (BOSI, 1997, p. 184).

Ora, a grande virtude de Tobias Barreto foi que “proclamou a necessidade de fazermos completamente a nossa cultura em outras fontes que aquelas onde até aí principalmente bebiam os portugueses e franceses” (VERÍSSIMO, 1963, p. 252). Assim, bradou alguns nomes russos e alguns alemães impressionando suas salas recifenses, o alcance de seus brados, contudo, foi curto, pois “A sua ação foi *sobretudo* oral e reflexa, operada por intermédio de seus discípulos” (VERÍSSIMO, 1963, p. 252, grifo nosso), não havendo para José Veríssimo uma Escola de Recife de fato, antes só um grupo de alunos do poeta do Dias e Noites.

Além disso, julgamos falsa a afirmação de Sílvio Romero citada acima sobre a precedência da Escola de Recife, de onde teria saído “o brado de alarma”. Ora, a ação de Tobias Barreto só se faz sentir a partir de 1882. “Antes disso, porém, desde os primeiros anos do decênio de 70, e sob influências notadas, manifestava-se no Rio de Janeiro o movimento modernista¹” (VERÍSSIMO, 1963, p. 253). José Veríssimo faz notar ainda a já existência das mesmas influências em São Paulo e de um grupo no Ceará, a “Academia Francesa”, que precedia o de Recife em pelo menos dez anos! (1963, p. 255). Vemos assim que a influência de Tobias Barreto foi, sim, importante, mas não como decantada por seus discípulos Sílvio Romero e Graça Aranha.

Três questões

Três questões aquecem os ânimos da época: a questão Coimbrã, a questão militar e a questão religiosa. A questão Coimbrã travada em 1865-1866, chamada questão “Bom Senso e Bom Gosto”, grassou larga influência no Brasil. José Veríssimo (1963) chega a pensar que teve essa questão mais influência em Sílvio Romero do que o próprio Tobias Barreto, e afirma que “teve certamente muito maior repercussão na mentalidade do tempo do que a Escola de Recife” (1963, p. 253). Chegou-se também a pensar que “foi por influência da Questão Coimbrã que se desencadearam as correntes realístico-sociais.” (RAMOS, 1979, p. 166)

A questão militar estourou em 1883 com a proibição aos militares de opinarem sobre política. Com a adesão do Marechal Deodoro, o movimento ganhou forças e, em

¹ Forma com que José Veríssimo se refere ao Realismo.

1885, sentia-se o peso de uma pré-sublevação. A questão é discutida em todos os lugares e a República era sentida por vir. Finalmente, em maio de 1887, o Senado, compreendendo insustentável a crise, apela para o Imperador que retira as restrições dando fim a questão militar.

A questão religiosa, que antecedeu a militar, foi travada entre o espírito liberal e o catolicismo oficial. Estando o Império ligado ao catolicismo, a crítica feita a um desembocava na crítica feita ao outro. Ser republicano era, então, basicamente, ser anticatólico. Figura central nesse debate foi Rui Barbosa. Os seus dizeres, que transcrevemos, justificam a publicação de sua foto várias vezes no Jornal Batista: “O protestantismo nasceu da liberdade individual, cuja consequência política é a liberdade religiosa; do protestantismo é filha a instrução popular, que constitui a grande característica [...] e a necessidade vital da civilização moderna” (apud AZEVEDO, 2004, p. 149). Se era feita a ligação Império – catolicismo – problemas sociais, não demorou para haver também quem ligasse, ao olhar para os Estados Unidos, República – protestantismo – progresso. Assim, “O Brasil foi pensado como tendo sido forjado pela ausência criada pela presença de uma Roma distante” (AZEVEDO, 2004, p. 149). Essas três questões demonstram a efervescência que vivia o país em suas várias camadas, e cada uma delas contribuiu ao momento realista no Brasil.

Algumas considerações sobre o Naturalismo

Não podemos considerar o Naturalismo como um Realismo exagerado, “pois que o termo inclui escritores que não se confundem com os realistas. É o Realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade” (COUTINHO, 2004, p. 11). Para Sodré (1995, p. 381 ss.), o Naturalismo consistiu num “curto episódio”, devido a sua curta duração e a exígua herança significativa que nos legou. Além de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro e Raul Pompéia, que outros nomes mereceriam ser historiados? Aluísio de Azevedo escreveu a mais importante obra do Naturalismo, *O Cortiço*, porém, nenhuma outra obra sua alcançou mesmo nível, o que também não foi alcançado pelos outros nomes junto a ele citados. O Naturalismo buscava uma explicação da sociedade, porém erra quando, ao invés de deter-se nas pessoas, detém-se apenas nos acontecimentos. Para Sodré (1995, p.383), “a visão superficial e a reconstituição plana e linear dos quadros não poderia levar jamais, assim, a expressão das aspirações de uma época ou de um povo que é a marca dos autênticos criadores. O

abandono do exame dos mais profundos motivos, que revelam as conexões causais e humanas, limitada a visão ao superficial e cotidiano da existência, conduz inevitavelmente, ao subjetivismo. Os naturalistas tentam apagar esse subjetivismo pela utilização de recursos científicos”

Além disso, pesa a particular atenção que era dada ao patológico. É só de doentes que se forma a sociedade? O Naturalismo prenunciava uma análise da sociedade quando só se dispõe a dar um recorte do que nela havia de grotesco, não ousando dar um passo para além dos passos dados pelos franceses. Se criticamos os seus assuntos, vemos neles também o motivo que o aproximou de toda gente. Ao tratar de todas as vulgaridades da vida, todos se sentiam capazes de tratar de literatura. Isso, porém, “Foi também o que fez efêmero o naturalismo, já moribundo em França quando aqui nascia”. (VERÍSSIMO, 1963, p. 260).

A poesia no momento realista

A poesia desse período não foi, de forma alguma, monocórdica. Podemos falar de duas correntes: a poesia realista ou científica e a poesia parnasiana. A primeira, a bem dizer, não é poesia, mas noções científicas em versos. Representam-na, entre outros, Sílvio Romero (1851-1914) e Martins Júnior (1860-1904). Esse tipo de poesia seria a ponte entre o último momento romântico e o momento realista (BOSI, 1997, p. 185; cf. ABDALA JÚNIOR, 1985, p. 5). A esse grupo acrescem-se aqueles de influência baudeleriana: Carvalho Júnior (1855-1879), Teófilo Dias (1854-1889) e Fontoura Xavier (1856-1922), que são, de certa forma, discípulos de Artur de Oliveira.

Já a poesia parnasiana com a sua pregação sobre a impassibilidade às vezes passou do Vaso Grego ao Vazio Grego! O Parnasianismo só logrou resultados na França e no Brasil (D’ONOFRIO, 2000, p. 381), onde “atingiu dimensões imperialistas” (MOISÉS, 2001, p. 152). O Parnasianismo é uma ave que só se fez bela ao alçar vôo do ninho onde surgiu: “uma coisa era o decálogo recebido como dádiva do Olimpo, outra, os poemas em que os crentes buscavam, afanosamente, plasmar a verdade revelada” (MOISÉS, 2001, p. 152). A impassibilidade parnasiana só seria alcançada por Francisca Júlia (1874-1920), a Musa Impassível, mas ela depois se encaminhou para o Simbolismo, tornando-se musa mística. Ora, os brasileiros temos uma essência fortemente lírica e sentimental, por isso nenhum poeta poderia eficazmente escondê-la com a forma (fôrma) parnasiana.

Quanto a sua tendência ao isolamento na torre de marfim (ou no claustro como quis Bilac em “A Um Poeta”), “a lírica parnasiana coloca-se aos antípodas de alguns princípios estéticos do Realismo” (D’ONOFRIO, 2001, p. 383). Abdala Júnior (1985) comenta essa atitude: “Envolviam-nos as contradições dos poetas europeus do final do século que procuravam na arte um refúgio contra o mundo banal, decadente. **O esteticismo seria uma forma de autodefesa.**” (1985, p. 11; grifo nosso).

Se o primeiro grupo estava ligado a Artur de Oliveira, o segundo estava a Machado de Assis (RAMOS, 1979, p. 167). Embora ambos os autores não nos tenham deixado obra poética significativa, foram de larga importância para esse momento poético: o primeiro como divulgador dos poetas franceses, o segundo como crítico. Ambas as correntes foram de importância na história literária brasileira, ambas, porém, deixaram-nos poucos nomes de/na lembrança: à tríade parnasiana só vale acrescentar Vicente de Carvalho, Poeta do Mar, antes pela popularidade que teve do que por qualquer qualidade; já na poesia científica vale historiar Teófilo Dias pela influência que viria a ter sobre os simbolistas, principalmente Cruz e Souza. O esquecimento de vários nomes desse momento deve-se, provavelmente, a dois fatores: a incoerências dessas correntes e a forte crítica que lhes foi feita pelo Modernismo.

Na balança – considerações finais

Várias críticas têm sido feitas ao momento realista; dignas e coerentes, muitas vezes, a quem o olha a partir do século XX ou XXI. O fato, porém, é que não o seriam na época. Se os conceitos que embasaram tais escritores temos por estranhos hoje, eram as respostas que tinham para entender a sua época e conflitos. Assim, destacamos na herança do Realismo três pontos: 1. a vulgarização da arte – como já destacamos a literatura passou a ter presença (ou presença maior) na vida do povo, 2. consolidação do conto e do romance – o conto principalmente, pois foi um laboratório para os escritores realistas, 3. apuro formal – embora realmente exacerbada e exacerbadamente criticada pelos primeiros modernistas, a segunda geração retoma do Realismo alguns critérios formais e o regionalismo vai beber de suas torrentes.

Referências bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. **Prefácio à Antologia de Poesia Brasileira – Realismo e Parnasianismo.** São Paulo, Ática, 1985.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo, Vida Nova, 2004.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo, Cultrix, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7ª ed. Vol. 4. São Paulo, Global, 2004.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental**. 2ª ed. São Paulo, Ática, 2001.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 2001.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Do Barroco ao Modernismo**. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 9ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 4ª ed. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963.

Júlio César Tavares Dias possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2007) e é mestrando em Ciência das Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Tem particular interesse pelo Discurso Religioso e pelo Movimento Pentecostal. É professor da rede pública estadual de Pernambuco. É poeta. (juliocesartdias@hotmail.com)